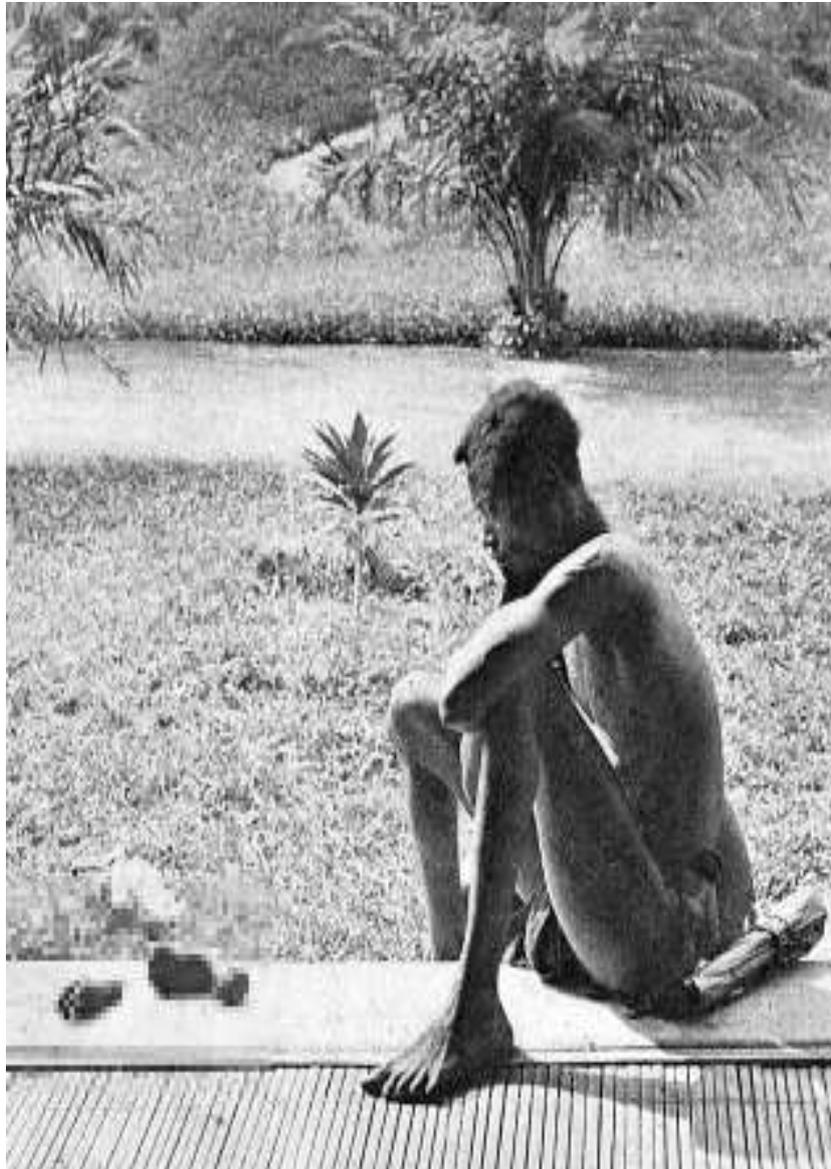


Colégio Santa Maria

SISa 2018



Crise do Congo

Isabelle Furkim

Marcela Leite

Marcela Ribeiro

Matheus Rocha

Thiago Makoto

Índice

Histórico do Congo.....	página 3
1. O reino do Congo.....	página 3
2. A 2ª Revolução Industrial e o Imperialismo no Congo.....	página 4
3. A conferência de Berlim (1884-1885) e seus efeitos.....	página 5
4. Leopoldo II e os horrores da colonização.....	página 6
5. O Congo belga (1908-1960)	página 10
As sementes da independência.....	página 11
6. Polarização da política.....	página 11
6.1. Alliance dés Bakongo (ABAKO)	página 11
6.2. Mouvement National Congolais (MNC).....	página 12
7. Os protestos de Leopoldville (1959)	página 13
8. Conferência de Bruxelas (1960)	página 14
9. Independência do Congo	página 17
Crise do Congo	página 18
10. O que foi?	página 18
11. Os problemas da independência	página 19
12. O exército se revolta	página 19
13. A Bélgica intervém no Congo	página 20
14. Katanga e Kasai do Sul declaram independência	página 21
15. A intervenção da ONU	página 22
16. O Conselho de segurança e o projeto do comitê	página 22
Países e seus representantes	página 23
17. Personagens de 1ª Ordem.....	página 23
17.1. Secretário geral da ONU – Dag Hammarskjöld	página 23
17.2. Estados Unidos da América	página 24
17.3. União Soviética (URSS)	página 24
17.4. França	página 24
17.5. O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte	página 25
18. Personagens de 2ª Ordem.....	página 25
18.1. República da China (Taiwan)	página 25
18.2. Argentina	página 26
18.3. Equador	página 25
18.4. Sri-Lanka	página 25
18.5. Itália	página 25
18.6. República Popular da Polônia	página 26
18.7. Tunísia	página 26
19.1. Revista TIME	página 26
19.2. Le Soir	página 26

Histórico do Congo

1) O Reino do Congo

O Reino do Congo ou Império do Congo foi um reino africano localizado no sudoeste da África no território que hoje corresponde ao noroeste de Angola, a Cabinda, à República do Congo, à parte ocidental da República Democrática do Congo e à parte centro-sul do Gabão.



Imagem 1. Localização geográfica do Reino do Congo.

Durante seu processo de expansão marítimo-comercial, os portugueses tiveram contato com as várias culturas que já se mostravam consolidadas pelo litoral e outras partes do interior do continente africano. Em meados do século XV para o século XVI, o navegador lusitano Diogo Cão alcançou a foz do rio Zaire, onde foi encontrado um governo monárquico fortemente estruturado, conhecido como Reino do Congo.

Os portugueses, tinham sobretudo um interesse econômico na região. Entre as principais atividades econômicas dos congoleses estavam: a compra e venda de sal, metais, tecidos e produtos de origem animal. A prática comercial poderia ser feita através do escambo (troca de mercadorias por escravos) ou com a venda do nzimbu, uma espécie de concha somente encontrada na região de Luanda



Imagem 2. Contato entre Bakongos (etnia congolesa) e portugueses.

O contato dos portugueses com as autoridades políticas do Reino do Congo foi de suma importância para a articulação do tráfico de escravos. Não à toa, grande parte dos escravos que trabalharam na exploração aurífera na América (colônia de Portugal), principalmente em Minas Gerais, durante o século XVII, era proveniente da região do Congo e da Angola. O intercâmbio cultural com os europeus trouxe novas práticas que fortaleceram a autoridade monárquica no Congo.

2) A 2ª Revolução Industrial e o Imperialismo no Congo

O Congo incitou uma série de disputas entre as potências imperialistas ao longo do século XIX, com a Segunda Revolução Industrial e o imperialismo em ascensão. Dentro de uma perspectiva de lógica expansionista e de exploração dos recursos naturais de outras regiões para suprir à demanda energética da 2ª Revolução Industrial, nenhuma das potências imperialistas aceitaria que um de seus rivais controlasse a área.

De um lado, a Bélgica; O Rei Leopoldo II da Bélgica tinha planos expansionistas para a região do Congo, onde almejava explorar a produção de borracha em associação com trustes europeus. Seu interesse pela região é evidenciado pela criação da Associação Internacional Africana (AIA; em francês: *Association Internationale Africaine*) em 1876, na Conferência de Bruxelas.

A AIA foi uma organização criada por Leopoldo II, com aparentes afins humanitários para a África central, na região que iria se tornar a República Democrática do Congo. A organização foi criada em 1876 durante a Conferência Geográfica de Bruxelas, na qual Leopoldo II convidara quarenta peritos, geralmente por seus conhecimentos geográficos ou por suas conexões filantropas. Eles provinham de diversos países europeus e, no começo, tinham interesses humanitários. Os objetivos originais da associação eram descobrir terras desconhecidas na bacia do Rio Congo com a missão de "civilizar" os nativos; ou seja, disseminando os valores europeus, como a língua, a religião católica e os bons modos europeus. No entanto, a associação logo se tornou dominada por Leopoldo II e por seus interesses econômicos de apropriação do território congolês.



Imagem 3. Bandeira da AIA.

A França ocupava a Tunísia e o território da atual República do Congo (em Brazzaville) e a Guiné a partir de 1884. Em 1882, a Grã-bretanha ocupava o Egito e penetrava no Sudão e na Somália. Em 1870 e 1882, a Itália tomara posse da Eritreia, enquanto que a Alemanha se estabelecia no Togo, em Camarões e no Sudoeste Africano em 1884.

Portugal reclamava para si a região, baseado em antigos acordos estabelecidos com os governantes nativos do Império do Congo, e para tal, estabeleceram um tratado com a Inglaterra em 1884 para bloquear uma eventual saída para o Atlântico por parte de Leopoldo II. Os interesses nacionais divergentes em relação à África causaram a ruína da AIA enquanto organismo filantropo multinacional. A Conferência de Berlim em 1884-1885 consagrou o fim da associação.

3) A conferência de Berlim (1884-1885) e seus efeitos

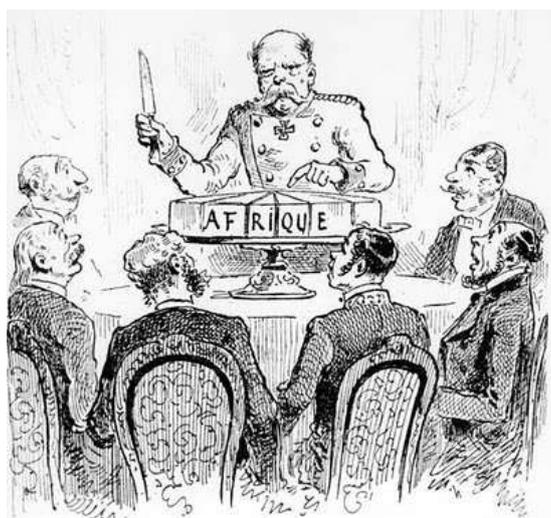


Imagem 4. Charge que exemplifica as decisões da Conferência.

A Conferência de Berlim foi uma reunião entre as principais potências europeias, as quais tinham interesses no continente Africano, ocorrida em Berlim. Entre os participantes estão, os Estados Unidos da América, Império Austro-Húngaro, Bélgica, Dinamarca, França, Inglaterra, Itália, Holanda, Portugal, Rússia, Espanha e Suécia-Noruega (reino unido).

O Congresso de Berlim se tornou conhecido pela “Partilha da África”, pois por meio desse, estabeleceu-se as regras que iriam reger a dominação europeia sobre a África pelos próximos quinze anos. Na Conferência decidiu-se:

- 1) A proibição do tráfico de escravos, proibição da venda de bebidas alcóolicas e de armas de fogo em certas regiões;

2) Pelo Princípio da Efetividade, uma potência somente poderia clamar um território como sua colônia se efetivamente estivesse dominando este território por meio de forças militares;

3) Qualquer ação de conquista de territórios na África deveria ser anunciada para todas as demais potências signatárias da Conferência de Berlim (todas exceto os EUA);

4)A área ao longo do Rio Congo passava a ser administrada por Leopoldo II da Bélgica, como uma área neutra, conhecida como o Estado Livre do Congo (quando na verdade, tornou-se uma propriedade particular do rei belga)

"Eu não quero correr o risco de perder a chance de assegurar para nós uma fatia deste magnífico bolo africano".

(Leopoldo II da Bélgica)

4) Leopoldo II e os horrores da colonização



Imagem 5. Rei Leopoldo II.

Em 1885, com a conhecida Conferência de Berlim, o domínio belga sobre o território congolês é ratificado. Por meio dessa, o rei da Bélgica, Leopoldo II, transformou o extenso território, conhecido como o Estado Livre do Congo, em sua propriedade pessoal. No território congolês, destacava-se o potencial extrativista do látex e do marfim, valiosos para o momento da história industrial.

A exploração do território e da população congoleza foi marcada por forte violência e repressão, estimando-se que, sob a posse de Leopoldo II, o Congo tenha sofrido com a morte de cerca de 10 milhões de pessoas; é tido por muitos como o processo de colonização mais brutal já vista. Leopoldo II era

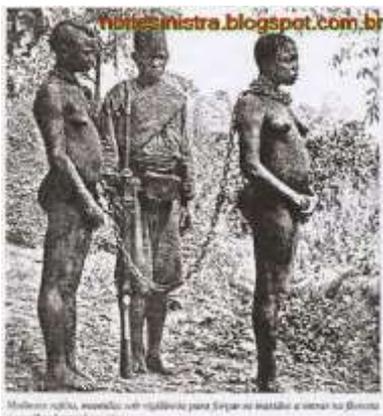
visto mundialmente como um rei filantrópico e humanitário, enquanto isso, a população congolense sofria um verdadeiro holocausto.

O Congo foi uma das grandes fontes de riqueza para a Bélgica na época, que se enriqueceu com a venda de marfins, extraídos em detrimento da morte de centenas de milhares de elefantes africanos, hoje ameaçados de extinção. Outra fonte de riqueza foi a extração da borracha, responsável pelo desaparecimento de muitas espécies de árvores nativas daquela região e da hiperexploração da mão de obra congolense.

O aspecto mais atenuante da administração do Congo pelo Leopoldo II foi a instituição da mão de obra escrava. Oriunda de uma lógica imperialista, a mentalidade era a de exploração exacerbada com poucos investimentos e lucro rápido, como resultado, explorava-se desumanamente dos nativos, sem se preocupar com a perspectiva dos direitos humanos. Muitos oficiais belgas foram enviados ao Congo, após previamente estudarem um “Manual”, pelo qual se ensinavam as “técnicas” de como subjugar o povo nativo.

Em seu livro, “O Fantasma do Rei Leopoldo”, o escritor polonês, naturalizado britânico, Adam Hochschild, relata uma das maiores chacinas da história: a exploração belga no Congo sobre a liderança do Leopoldo II. No livro, pode-se observar uma fotografia, na qual um oficial belga exhibe, orgulhoso, o seu “jardim de crânios”, que consistia em uma cerca ao redor de sua casa, toda construída com cabeças africanas decepadas, numa clara intenção de intimidar os que, porventura, ousassem desobedecer às ordens de “Sua Majestade”.

A extração do marfim era relativamente simples, pois os oficiais armavam-se com rifles, matavam centenas de elefantes e os africanos, amarrados por grossas correntes nas pernas, formavam longas filas e carregavam cargas pesadíssimas até a margem do rio Congo, onde navios esperavam para dali partirem rumo à Europa. Durante esse trajeto – dos locais das matanças até o rio – os congolezes eram constantemente açoitados e muitos morriam por não suportar ao peso da carga. A comida era uma ração, distribuída uma única vez ao dia e muito inferior àquela que era destinada aos cavalos do rei.



*Imagens 6 e 7.
Congolezes
acorrentados.*



Já para a exploração do látex, o processo era mais complexo. Como os negros precisavam subir nas árvores, era impossível mantê-los acorrentados uns aos outros, o que dificultava o recrutamento de “voluntários”. Para obrigá-los ao trabalho, aplicava-se ainda mais a violência, já que não haviam limites humanitários para a dominação imperialista. Assim, os belgas invadiam as aldeias, raptavam mulheres e crianças e exigiam como pagamento por sua liberdade, que os homens extraíssem uma quantia de látex proporcional a um dia inteiro de trabalho. Dessa forma, vários congolezes eram obrigados a se embrenhar na mata para conseguirem a matéria-prima da borracha e muitos eram devorados por leões e leopardos. Os que retornavam, muitas vezes encontravam esposas e filhos mortos, ou violentados pelos soldados do rei. As mulheres mais bonitas eram entregues aos oficiais do Rei.

Muitos aventureiros de toda a Europa foram para o Congo, nessa época, atraídos pelo dinheiro fácil conseguido através da venda de escravos. Outros invadiam as aldeias que resistiam ao trabalho de extração da borracha e, para cada bala disparada, tinham que apresentar a um oficial belga a mão direita do africano morto, para só assim receberem o pagamento. Como alguns utilizavam a munição para caçar, decepavam mãos de pessoas vivas, no intuito de justificar a bala desperdiçada. A prova disso são várias fotos espalhadas pelo livro de Adam, em que se vê homens, mulheres e até crianças mutiladas.



Imagem 8. Crianças mutiladas.

O não cumprimento das cotas de coleta de borracha era punível com a morte. Aqueles que não cumpriam as cotas de borracha tinham seus membros decepados, especialmente as mãos. Já as mulheres que não conseguissem cumprir a cota de látex possuíam o bico dos seios arrancados.

A Força Pública do exército colonial- era obrigada a fornecer a mão de suas vítimas como prova, no caso de terem matado alguém que não cumpriu a cota. Como consequência da impossibilidade de cumprir as cotas em látex, as cotas de borracha eram, em parte, pagas com as mãos decepadas. Havia ainda pequenas guerras onde aldeias atacavam aldeias vizinhas para reunir

mãos, uma vez que as suas cotas de borracha eram demasiado irreais para se cumprir.

Um oficial, conhecido por Fiévez, tentando justificar a chacina de cem pessoas, quando estas não conseguiram fornecer aos seus soldados o peixe e a mandioca exigidos, chega a declarar “Eu fazia guerra contra eles. Um exemplo bastava: cem cabeças cortadas fora e a estação voltava a ser abastecida com fartura. Meu objetivo final é humanitário. Eu mato cem pessoas [...], mas isso permite que outras quinhentas vivam”. Como afirmou Edmund Morel, uma das maiores vozes que ecoaram contra o trabalho escravo dos africanos, “o Congo é uma sociedade secreta de assassinos, tendo um rei como cabeça”.

Segundo relatos do missionário presbiteriano William Sheppard, “No dia em que chegou ao acampamento dos saqueadores, chamou-lhe a atenção muitos objetos sendo defumados. O chefe ‘nos levou até uma estrutura de paus, sob a qual queimava um fogo lento, e lá estavam elas, as mãos direitas, contei-as todas, 81’. O chefe disse a Sheppard: ‘Veja! Aqui está nossa prova. Eu sempre tenho que cortar a mão direita das pessoas que matamos, para poder mostrar ao Estado quantas foram’. Com muito orgulho, mostrou a Sheppard alguns dos corpos de onde as mãos tinham saído. A fumaça era para preservar as mãos no calor e umidade, já que podia levar dias, ou semanas, até o chefe poder exibi-las ao oficial encarregado e receber os créditos por suas matanças”.

“As cestas de mão cerradas, postas aos pés dos chefes de posto europeus, tornaram-se o símbolo do Estado Livre do Congo. (...)A coleção de mãos se tornou um fim em si mesmo. Os soldados da Força Pública as traziam em vez da borracha; eles até mesmo iam colhê-las em lugar de borracha (...) elas se tornaram um tipo de moeda. São usadas para amenizar o déficit das cotas de borracha, substituir (...) o povo ao qual é exigido trabalhar para as gangues de trabalhos forçados; e os soldados da Força Pública tinham seus bôus pagos de acordo com o número de mãos que coletavam. Todos os negros viam este homem como o diabo do Equador...De todos os corpos mortos no campo, você tinha que cortar as mãos. Ele queria ver o número de mãos cortadas por cada soldado, que tinha que trazê-las em cestas.” - Peter Forbath.

“A aldeia que se recusasse a fornecer borracha seria completamente dizimada. Quando jovem, eu vi um soldado retirar uma rede, em seguida amarrar dez nativos nela, anexar grandes pedras na rede, e fazê-los cair no rio ... Borracha causa esses tormentos; é por isso que não quero mais ouvir seu nome falado. Soldados fizeram jovens matar ou estuprar suas próprias mães e irmãs em nome da borracha”. - Depoimento do nativo Tswambe a um padre católico na região de Leopoldville, se referindo a um colono belga responsável pela extração de borracha.

As atrocidades cometidas por Leopoldo II no Congo passaram, ao longo do tempo, a ter repercussão na Europa. Os próprios europeus, que colonizavam com violência seus territórios africanos acreditavam que o rei belga havia ido longe demais. A comunidade internacional passou a se mobilizar e, com a publicação do livro de Joseph Conrad, "O Coração das Trevas "(1902), os horrores da colonização foram amplamente divulgados na Europa. Os britânicos enviaram diplomatas para investigar a situação no Congo e, ao perceberem o horror que se estabeleceu na colônia, passaram a pressionar a Bélgica.

Pressionado pela comunidade internacional, organizações humanitárias e por grande parte da intelectualidade europeia, o Rei Leopoldo II foi obrigado a ceder e, em novembro de 1908, o território do Congo passou a ser uma colônia controlada e administrada efetivamente pelo governo da Bélgica, não mais uma propriedade privada. O Estado Livre do Congo de Leopoldo II deixaria de existir, e nascia o território do Congo Belga.

O Rei Leopoldo II da Bélgica justificava seu domínio pessoal sobre o Congo através de um discurso humanitário em defesa das populações africanas. Entretanto, em 1903-1904, Leopoldo II foi denunciado internacionalmente por genocídio e prática de atrocidades no Estado Livre do Congo. Diante da pressão internacional, foi obrigado a abrir mão de seu domínio pessoal, e o Congo passou a ser uma colônia do Estado belga em 1907-1908.

5) O Congo belga (1908-1960)

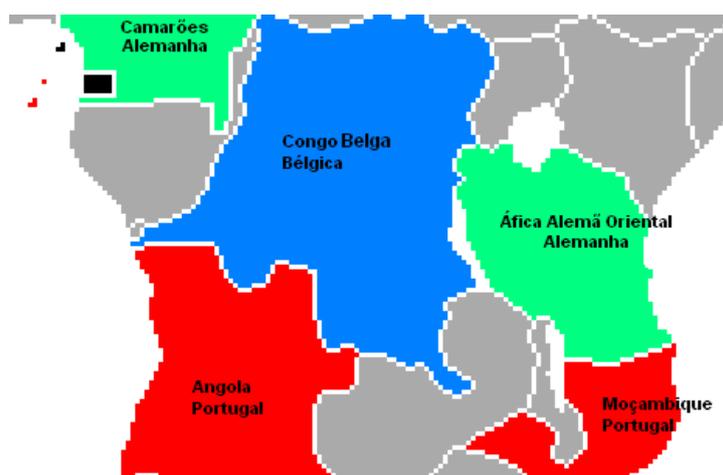


Imagem 9. Mapa do Congo Belga.

Administrado pelo governo belga, o Congo inicia um processo de melhorias, se comparado ao período de Leopoldo II. Por um lado, as mutilações foram interrompidas, inicia-se uma urbanização e enriquecimento das cidades da colônia. Ainda assim, os negros continuavam sem direitos básicos, estes eram restritos aos brancos, e as riquezas extraídas do território

congolês continuavam indo diretamente à Europa, não trazendo benefício econômico algum aos congoleses.

Na esfera política, qualquer revolta em prol de melhores direitos ou condições de vida era brutalmente reprimida pelo exército colonial (*Force Publique*) e a grande maioria da população vivia em situação de extrema pobreza, não tendo direito à posse de terras ou ao livre acesso de frequentar lugares específicos, que eram exclusivos aos brancos.

As sementes da independência

6) Polarização da política

Até meados da década de 1940, o Congo Belga vivenciou uma fase de relativa prosperidade econômica. Já o início dos anos 1950 é marcado por um crescente sentimento nacionalista que desencadeia no surgimento do movimento nacionalista, subdividido em vários grupos locais, com isso, a população passa a aderir ao discurso nacionalista de lideranças locais que exigiam o fim da dominação belga no território. O movimento de independência congolês se polariza em seus dois principais partidos:

6.1) *Alliance des Bakongo* (ABAKO)

O ABAKO nasceu em 1955, sob a liderança de **Joseph Kasa-Vubu**. Criado inicialmente como um movimento étnico –daí seu nome, “aliança dos bakongo”, um grupo étnico congolês –rapidamente passou a se tornar um partido político, marcado por sua forte posição anti-domínio belga, e sua aliança aos movimentos operários. Prezava pelo federalismo, um poder pouco centralizado na capital, dando às províncias e aos diferentes grupos étnicos do território do Congo maior autonomia.



Imagem 10. Kasa-Vubu.

Nascido no ano de 1910 em Tshela, Congo Belga, foi o primeiro presidente do Congo após sua independência. Pouco se sabe sobre o início de sua vida, assim como a exata data de seu nascimento. Sabe-se que ele nasceu no vilarejo de Kuma-Dizi, e que foi alfabetizado na língua Kikomgo. Kasa-Vubu estudou teologia e filosofia no seminário de Kabwe até 1939, mas antes da graduação, optou por ser professor ao invés de padre. Seguidamente, converteu-se ao protestantismo.

Kasa-Vubu trabalhou como agrônomo, bibliotecário e funcionário público, antes de alcançar o cargo de chefe de gabinete, o mais alto nível de ocupação para congolese antes dos dominadores coloniais. Kasa-Vubu iniciou uma organização semi-clandestina enquanto ainda trabalhava para as autoridades coloniais. Em 1955, Kasa-Vubu foi eleito líder da ABAKO, composta por pessoas nativas dos arredores do Rio do Congo. Durante sua liderança, o grupo lançou sua candidatura nas primeiras eleições municipais de Leopoldville em 1957, e Kasa-Vubu foi eleito prefeito do distrito de Dendale.

Ele ficou rapidamente conhecido como um dos primeiros congolese a lutar pela independência. Inicialmente, advogou por uma independência dentro de alguns anos, mas passou a prezar pela independência imediata conforme a ABAKO ganhava força. Nos seus discursos, Kasa-Vubu reiterava sua exigência à independência, sendo oprimido pelas autoridades coloniais belgas, o que apenas fortaleceu sua imagem como um líder congolês. Foi preso em janeiro de 1959, após os protestos de Leopoldville, sendo liberado dois meses depois. Nas eleições que antecederam à independência, o partido ABAKO de Kasa-Vubu obteve um significativo número de votos no novo parlamento, mas não obteve uma vitória absoluta.

Após a independência, foi acordado que Patrice Lumumba, do Movimento Nacional Congolês (MNC) seria primeiro ministro do novo país, e Joseph Kasa-Vubu assumiria como Presidente.

6.2) Mouvement National Congolais (MNC)

Em 1958, é fundado o Movimento Nacional Congolês (MNC), um partido nacionalista, pró-independência e que tinha como maior destaque o fato de não ser um partido ligado a nenhuma tribo ou grupo étnico. O MNC, diferentemente do ABAKO, defendia a centralização do poder na capital, dando pouca autonomia às províncias, concentrando o comando da nação nas mãos de um congresso multiétnico.

Dentre os fundadores do MNC, estava aquele se tornaria seu líder e o principal símbolo na luta pela independência congolese e emancipação africana, Patrice Lumumba.



Imagem 11. Patrice Lumumba.

Patrice Émery Lumumba, nascido no dia 2 de julho de 1925 em Onalua, Congo Belga, foi um líder anti-colonial e importante político congolês. Ainda jovem mudou-se para Stanleyville, onde trabalhou no serviço de correios local por vários anos e escreveu para a imprensa congoleza. Em 1955, iniciou suas atividades políticas ao se tornar presidente de um sindicato regional de funcionários públicos congolezes, tendo já participado de outros sindicatos.

Em 1957 mudou-se para a capital Léopoldville. Em outubro de 1958, juntamente com outros dirigentes congolezes, funda o Movimento Nacional Congolês (MNC), o primeiro partido político congolês sem ligações étnicas, e participa em dezembro do mesmo ano da primeira Conferência Pan-Africana dos Povos, em Accra, onde se encontrou com lideranças nacionalistas de todo o continente.

Inspirado pelos ideais do pan-africanismo, sua visão e seu vocabulário assumiram um teor de nacionalismo militante, baseados na ideologia anticolonial e na defesa da unidade nacional entre as diferentes etnias que compunham o Congo. A liderança de Lumumba desagradava ao regime colonial, pois o líder do MNC assumia uma postura agressiva contra o colonialismo belga.

7) Os protestos de Leopoldville (1959)

Em dezembro de 1958, devido a sua liderança no MNC, Lumumba foi convidado para participar da Conferência de Accra, em que diversos líderes africanos se reuniram para discutir questões como a violência como forma de combate ao colonialismo, o levante dos movimentos de independência e o surgimento dos movimentos sociais recentes no continente africano, o pan-africanismo por exemplo.

Entusiasmado com o que viu na conferência, Lumumba retornou ao Congo disposto a elevar a luta pela independência a um outro patamar, e organizou em 28 de dezembro uma passeata popular em prol da independência, que terminaria por ser um enorme sucesso.

Inspirado pelo sucesso de Lumumba, Kasa-Vubu tentou fazer o mesmo e anunciou para o dia 4 janeiro o comício do ABAKO. As autoridades belgas anunciaram que se o caráter de seu discurso fosse político, eles iriam intervir no comício, o que fez com que Kasa-Vubu tentasse adiar o encontro. Entretanto, no dia e no local combinado, os manifestantes apareceram em grande número e se revoltaram contra as autoridades belgas. Uma multidão de mais de 10.000 pessoas que estavam saindo de um estádio próximo viu o movimento e se juntou ao grupo.

Rapidamente iniciou-se um conflito entre as forças de segurança belgas e a população local, e a violência instaurou-se. Ao logo do dia houveram apedrejamentos, incêndios e caos por toda a cidade.

A partir desse momento as autoridades belgas, pela primeira vez, viram a força do movimento de independência e foram obrigadas a ceder, permitindo eleições distritais. Os protestos de Leopoldville de 4 janeiro são o marco do início da independência, e a partir deste momento o MNC e o ABAKO ganham força para enfrentar as autoridades belgas e para forçar os europeus a negociar a Independência.

Em 1955, como tentativa de reconciliação com as alianças congoleas, o Rei Balduino I, da Bélgica (filho do Rei Leopoldo III), visita o Congo Belga; fato que estimula ainda mais o movimento nacionalista. Em sua visita, o Rei não acatou às reivindicações sociais, políticas e econômicas da população nativa, o que os deixou extremamente insatisfeitos.

O próprio Rei percebeu que era tarde demais para uma negociação, o ódio anti-colonial e o nacionalismo já imperava na sociedade congolea. A Bélgica então, reconhece a necessidade de negociar com o Congo a sua independência (antes que o movimento nacionalista o fizesse).

Nota: Leopoldville é uma cidade cujo nome faz homenagem a Leopoldo II da Bélgica.

8) Conferência de Bruxelas (1960)

Lumumba é libertado em janeiro de 1960 para liderar a comitiva do MNC na conferência.



Imagem 12. Lumumba pousa para foto sem algemas, na Conferência de Bruxelas.

Devido à pressão congoleza, os belgas aceitaram negociar a independência do Congo Belga, surgia assim, a Conferência de Bruxelas. A conferência reuniu os dois maiores partidos pró-independência: o MNC de Lumumba e o ABAKO de Joseph Kasa-Vubu.



Imagem 13. Lumumba assinando o acordo de Independência do Congo Belga.

A expectativa belga era de conceder a independência a longo prazo, com alguns anos antes de conceder a total independência. Todavia, frustrando as expectativas belgas, os líderes congolezes mostraram-se inflexíveis e definiram a data para a independência: 30 de junho de 1960.

A conferência foi uma faca de dois gumes para o Congo: Se por um lado a independência estava garantida –e em um prazo bem menor do que se esperava –por outro, o ABAKO e o MNC não chegaram a um acordo quanto a

suas divergências, e ambos estavam a poucos meses de assumir o poder juntos, com projetos totalmente opostos para o Congo.

Dentre os membros da comitiva do MNC estava o secretário de Lumumba: Joseph Desiré Mobutu, um jornalista de formação militar que fez parte da intelectualidade congoleza que se manifestou politicamente a favor das ideias do MNC. A figura de Mobutu na história do Congo surge na conferência, e a partir de então, jamais será esquecida.



Imagem 14. Joseph Mobutu.

Nascido em Lisala, Congo Belga, em 14 de outubro de 1930. Com 19 anos, Mobutu se apaixonou por uma garota e fugiu com ela para a capital Leopoldville. Os sacerdotes o encontraram semanas depois e, como punição, foi condenado a servir sete anos no exército colonial, chamado a Força Pública (*Force Publique*), punição comum para estudantes rebeldes.

Mobutu logo se encantou com a disciplina e o ideal militar. No exército se destacou rapidamente devido a sua inteligência, e passou a ter contato com a literatura europeia através de seus oficiais superiores belgas. Através destes oficiais, começa a se interessar por política e ter acesso às obras de grandes escritores, como Maquiavél.

Ainda soldado, Mobutu começa a escrever sobre política para revistas belgas. Em 1956, ele deixa o exército e torna-se um jornalista em tempo integral. Por volta de 1958, Mobutu já tinha conhecido muitos dos jovens intelectuais congolezes que estavam desafiando o domínio colonial. Ele fez amizade com Patrice Lumumba e se juntou ao MNC de Lumumba, que mais tarde o convidou para ser seu secretário e assessor particular.

Enquanto ocorria a Conferência de Bruxelas, funcionários da CIA se mostraram interessados na figura de Mobutu. Como disse o chefe da estação da CIA no Congo anos depois: "Um nome começou a aparecer. Mas não estava na lista de ninguém, porque ele não era um membro oficial da delegação, foi o secretário de Lumumba. Mas todos concordaram que este era

um homem extremamente inteligente, muito jovem, talvez imaturo, mas um homem com grande potencial para se tornar líder".

Após uma revolta no exército que geraria maiores conflitos no Congo, apenas uma semana após a independência, Mobutu é nomeado Chefe do recém criado Exército congolês. Rapidamente conquista a confiança dos soldados, especialmente por ser o primeiro líder negro do exército congolês – e passa a exercer grande domínio e influência nos bastidores políticos do Congo, recebendo amplo apoio dos EUA e da CIA.

9) Independência do Congo



Imagem 15.

Como previsto pela Conferência de Bruxelas, em maio são realizadas eleições para definir o parlamento congolês. Devido a divergências políticas dentro do próprio movimento de independência, ficou-se acordado que o parlamentarismo seria o sistema mais eficiente para o Congo. As eleições definiram um congresso fragmentado, com o MNC sendo o partido com maior número de membros, mas não o suficiente para exercer domínio.

A cerimônia de independência do Congo foi uma das mais marcantes da história da África. Na cerimônia, após um etnocêntrico discurso do rei Balduino da Bélgica, Lumumba fez um discurso que não estava previsto oficialmente, e falou abertamente das atrocidades da colonização.

Discurso do Rei Balduino: *"A independência do Congo é a finalização de um empreendimento realizado pelo gênio do rei Leopoldo II, iniciado por ele com resoluta coragem e continuado com perseverança pela Bélgica. Quando Leopoldo II embarcou nesta enorme e agora consumada jornada ele não se apresentou a vocês como um conquistador, mas como um agente da civilização. Cabe a vocês, cavalheiros, mostrar que fizemos o certo em confiar em vocês."*

Crise do Congo

10) O que foi?

É nomeada Crise do Congo um conjunto de conflitos étnicos, culturais, políticos, e militares que se iniciam no ano de 1960 e perduram até 1965. Esses conflitos ocorrem simultaneamente e são permeados por ações intervencionistas da ONU, influências de grandes potências (mineradoras europeias), investigações da CIA, e contam com movimentos separatistas e marxistas. Estes, tiveram a participação direta de Ernesto "Che" Guevara. É importante ressaltar que a Crise do Congo acontece dentro de uma lógica contextual da Guerra Fria.

Um plural movimento nacionalista no Congo Belga exigindo o fim do regime colonial levou à independência do país, em 30 de junho de 1960. A rapidez do processo de independência, somado às divergências dos movimentos nacionalistas congolese, tais como as questões do federalismo e da divergência étnica, impediu que houvesse uma coalizão entre as diferentes facções armadas, já que os interesses e ambições de cada uma não só divergiam como conflitavam, fazendo com que o país mergulhasse em um conjunto de guerras civis.

A crise começa quase imediatamente após a independência do Congo em junho de 1960. O financiamento da guerra foi arcado pelas forças externas que atuavam no país, com envio de armamentos, equipamentos e mercenários por parte da Bélgica e dos EUA.

Estima-se que ao menos 100.000 pessoas tenham morrido no conflito. Na primeira semana de julho, um motim tomou conta do exército e a violência resultou em conflitos entre civis negros e brancos. A Bélgica enviou tropas para proteger os cidadãos brancos belgas em duas províncias do país, Katanga e Kasai do Sul, ambas ricas em minérios. Concomitantemente, estas províncias declararam sua independência, com o apoio da Bélgica e de suas tropas, defendendo o interesse de mineradoras europeias.

A intervenção de tropas Belgas na questão separatista de Katanga e Kasai, constituiu uma ameaça à soberania do Congo, forçando a ONU a se reunir e discutir a questão belga.



Imagens 16 e 17.



11) Os problemas da Independência

Se por um lado a rapidez da independência era desejada pelos congolese, por outro, esta traria consequências graves para o futuro do país africano: Os belgas detinham o poder político, econômico e militar da colônia - com o rápido processo de independência, não houve tempo de preparação e planejamento para o novo governo do Congo organizar ou criar novas instituições, de modo a substituir a ausência belga.

Aproveitando essa fraqueza do recém-criado Estado Belga, estavam as multinacionais e mineradoras europeias, interessadas nas províncias no leste do Congo, as terras mais ricas em minérios da região, assim como Estados Unidos e União Soviética, interessados em manter o Congo e suas esferas de influência (Guerra Fria).

O Congo, que mal havia sido criado, e que já se encontrava no centro das atenções das grandes potências e das mineradoras europeias, ainda teria de enfrentar problemas internos quanto à diversidade étnica de seu gigantesco território. A crise do Congo estava para começar.

12) O exército se revolta

Devido às proibições de ensino aos congolese, toda mão de obra especializada e as altas hierarquias no Congo eram ocupados por brancos, em sua maioria belgas. Com a independência, criou-se a expectativa de uma mudança na ordem social, mas infelizmente isso não ocorreu de imediato, e a elite europeia não estava disposta a perder sua privilegiada posição no Congo.

As forças armadas presentes no Congo, a chamada *Force Publiques* ainda era controlada por oficiais brancos belgas que se declararam opositos a Lumumba.

Após o chefe da *Force Publiques*, o general belga Janssens, declarar a seu batalhão que a velha ordem colonial seria mantida no exército, os soldados congolese se revoltaram e iniciaram uma revolta militar que se espalhari por todo o país no dia 5 de julho, menos de uma semana após a independência.

Lumumba e Kasa-Vubu tentaram intervir pessoalmente e pediram que os amotinados depusessem as armas, mas, na maior parte do país, o motim se intensificou. Oficiais brancos e civis foram agredidos, propriedades de cidadãos brancos foram saqueadas e mulheres brancas eram esturpadas. O governo belga demonstrou-se profundamente preocupado com a situação, principalmente quando civis brancos começaram a entrar nos países vizinhos como refugiados.

A expectativa da alta patente branca era a de que, cedo ou tarde, Lumumba iria pedir apoio militar aos belgas, e assim a Bélgica voltaria a

controlar o Congo; pelo contrário, o primeiro-ministro demitiu Janssens e extinguiu a *Force Publique*, criando em seu lugar o exército nacional congolês, promovendo oficiais negros às altas patentes - dentre estes oficiais promovidos por Lumumba estava Joseph Mobutu, seu antigo secretário, agora nomeado chefe do exército.

13) A Bélgica intervém no Congo

Em 9 de julho, a Bélgica enviou paraquedistas, sem a permissão do Estado congolês, nas regiões de conflito entre negros e brancos. A intervenção belga dividiu Lumumba e Kasa-Vubu: enquanto Kasa-Vubu aceitou a operação belga, Lumumba os denunciou e convocou “todos os congolese para defender nossa república contra aqueles que a ameaçam”.

A medida em que os ataques contra os colonos brancos em todo o país iam se intensificando, as forças belgas passam a entrar em outras cidades, expandindo suas operações, incluindo em Léopoldville. Começa assim, um confronto entre as tropas belgas e congolese.

14) Katanga e Kasai do Sul declaram independência



Imagem 18.

Em 11 de julho de 1960, Moïse Tshombé declarou a independência da província de Katanga, localizada no sul do Congo, sob o nome de Estado de Katanga.

A riqueza da região de Katanga e os minérios em seu solo a fizeram ser administrada separadamente desde os domínios coloniais, e a região tornou-se lar de grandes mineradoras europeias. Além disso, Tshombé sustentou que as pessoas de Katanga eram etnicamente distintas do resto do povo congolês.

A separação foi em parte motivada pelo desejo dos separatistas de Katanga para manter concentrada a riqueza gerada pela mineração em seu território, ao invés de dividi-lo com o resto do país. Tshombe disse em seu discurso separatista “Nos separar do Congo é nos separar do caos!”. A maior empresa de mineração em Katanga, a *Union Minière Du Haut Katanga* (UMHK), tinha começado a apoiar Tshombe e seu partido durante os últimos dias do governo belga em meio a preocupações de que o MNC poderia tentar nacionalizar os ativos da empresa após a independência.

Incentivado pela UMHK, o governo belga forneceu apoio militar para Katanga e ordenou seus funcionários na região a permanecer em seus postos. Tshombe também contratou mercenários, principalmente os brancos da África do Sul e da Rhodesia para complementar e comandar as tropas de Katanga. Embora apoiada pelos belgas, Katanga nunca recebeu o reconhecimento diplomático formal, de nenhum país. A secessão Katanga destacou a "fraqueza fundamental" do governo central de Lumumba que tinha sido o principal defensor de um Estado unificado, acirrando as rixas com Kasa-Vubu e o ABAKO, favoráveis a uma maior autonomia das províncias.

Menos de um mês após a separação de Katanga, a província de Kasai do Sul também se declarou independente sob o comando de Albert Kalonji. Apesar de ser muito menor que Katanga, Kasai do Sul também era uma região mineradora e o novo governo separatista foi financiado e apoiado pela *Forminiere*, um importante minerador belga, que apoiou o novo governo em troca de concessões.

15) A intervenção da ONU

Em 12 julho, alarmado com os movimentos separatistas e com o apoio belga aos movimentos, Lumumba pede oficialmente apoio a ONU. O Secretário-Geral Dag Hammarskjöld dirigiu-se ao Conselho de Segurança em uma reunião da noite de 13 de julho e convidou o Conselho a agir "com máxima velocidade" sobre o pedido. Dia 14 de julho, o Conselho de segurança está reunido para discutir a questão congoleza e solucionar a crise. A partir deste momento, a ONU, através do Conselho de segurança, se envolve oficialmente na Crise do Congo.

16) O Conselho de Segurança e o projeto de comitê

Em 1960, ano em que a crise do Congo teve início, o Conselho de Segurança das Nações Unidas era formado por 11 países. Os 5 membros permanentes eram: Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética, França e

China (Taiwan). O Governo comunista de Mao Tse-Tung não fora reconhecido pelo ocidente até 1972, quando tanto os EUA quanto a ONU reconheceram a China comunista, garantindo a China de Mao Tsé Tung o assento permanente no Conselho. Até então o assento era ocupado por Taiwan, que representava a “China Capitalista”.

Os outros 6 membros rotatórios do Conselho em julho de 1960 eram: Sri-Lanka, Equador, Argentina, Tunísia, Itália e Polônia. Inserido no comitê também está o secretário-geral das Nações Unidas, Dag Hammarskjöld, que teve papel ativo na crise.

Países e seus representantes

17) Personagens de 1ª ordem

17.1) Secretário Geral da ONU- *Dag Hammarskjöld*



Imagem 19.

Secretário geral da ONU entre 1953 e 1961, Hammarskjöld é considerado o mais importante e distinto secretário da história da organização, e todos os sucessores que seguiram o secretário sueco sofreram comparações a ele. Tornou-se reconhecido por sua neutralidade e imparcialidade, seu distanciamento de causas políticas e engajamento em causas humanitárias.

Em 1956 apoiou o líder egípcio Gamal Abdel Nasser na nacionalização do Canal de Suez, fato que gerou uma crise sem precedentes na história do Oriente Médio e despertou a ira das empresas Anglo-Francesas que eram donas do canal.

Em 1960 com a crise do Congo mais uma vez se viu em uma situação frágil e percebeu a necessidade da ONU intervir no conflito, ao mesmo tempo

em que enfrentava as dificuldades de manter a ONU uma organização independente, longe de servir unicamente aos interesses das grandes potências.

Nota: Em um encontro do Conselho de Segurança, o secretário geral possui grande influência e importância-toda declaração do secretário deve ser levada em conta pelo Conselho, e toda declaração escrita pelo secretário durante a reunião do conselho é considerada um documento oficial e deve ser, portanto, lida e analisada pelos países envolvidos.

17.2) Estados Unidos da América



Capital: Washington.

Modelo econômico: Capitalismo.

Posicionamento: Os Estados Unidos mostraram-se desde o início contra a postura nacionalista de Lumumba, tendo a convicção de que o líder congolês iria levar o país a um futuro regime socialista.



Representante na ONU: Henry Cabot Lodge Jr.

17.3) União Soviética (URSS)



Capital: Moscou.

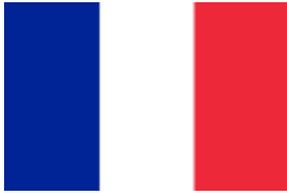
Modelo econômico: Socialismo.

Posicionamento: Pró-descolonização da África /anti-Estados Unidos. Ressaltar que eram inimigos em contexto de Guerra Fria. Explicitamente pró-Lumumba, a União Soviética não mediu esforços para apoiar o primeiro-ministro congolês e seu projeto para o Congo.



Representante na ONU: Arkady Sobolev.

17.4) França



Capital: Paris.

Modelo econômico: Capitalismo.

Posicionamento: A França encontrava-se em uma posição delicada quanto à questão congolosa devido à Argélia; Charles de Gaulle dá autonomia política aos argelinos, mas não se posiciona favorável perante à descolonização do país, tornando o apoio a descolonização de outros países africanos, uma questão delicada, e a situação francesa, um dilema. Aliado dos Estados Unidos.



Representante na ONU: Armand Bérard.

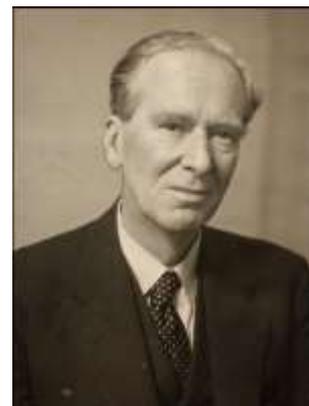
17.5) Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte



Capital: Londres.

Modelo econômico:
Capitalismo.

Posicionamento: Reino Unido tinha uma postura de descolonização, mas mantinha uma presença militar e política no Iraque e no Omã, além do domínio sobre outros territórios africanos como a Rodésia, Quênia e Uganda. Apesar de ser um aliado norte-americano, as relações eram, dentro do possível, amigáveis com os soviéticos.



Representante na ONU: Pierson Dixon

18) Personagens de 2ª Ordem

18.1) República da China (Taiwan)



Capital: Taipei.

Modelo econômico: Capitalismo.

Posicionamento: pró-descolonização.

Liderada pela ditadura de Chiang Kai-



Desde os anos 40, Taiwan possuía relações pouco amistosas tanto com os EUA e com a URSS, suspeitando da verdadeira intenção de ambos quanto a ilha, além de ser muito vulnerável às duas potências. Apesar de uma relativa proximidade com a URSS, devido à divergência entre os soviéticos e os chineses comunistas, Taiwan buscou a todo momento assumir uma atitude independente.

Representante na ONU: Tsiang Tingfu.

18.2) Argentina



Capital: Buenos Aires.

Posicionamento: Postura política independente, com boas relações com o EUA e URSS. Pró-descolonização.

Representante na ONU: Mario Amadeo.



18.3) Equador



Capital: Quito.

Posicionamento: Pró-descolonização e aliado dos EUA.

Representante na ONU: Leopoldo Benitez.



18.4) Sri-Lanka



Capital: Colombo

Posicionamento: País com relações estreitas à URSS. Pró-descolonização.

Representante na ONU: George Claude Stanley Corea.



18.5) Itália



Capital: Roma.

Modelo econômico: Capitalismo.



Posicionamento: Aliado dos EUA

Representante na ONU: Egidio Ortona.

18.6) República popular da Polônia



Capital: Varsóvia

Modelo econômico: Socialismo.

Posicionamento: Aliado da URSS. Signatário do Pacto de Varsóvia

Representante na ONU: Jerzy Michalowski

18.7) Tunísia



Capital: Túnis

Posicionamento: Conquistou sua independência da França em 1956 e desde então apoia movimentos anti-coloniais na África. Pró-descolonização. Proximidade com os EUA.



Representante na ONU: Mongi Slim

Imprensa

19.1) Revista TIME

País de origem: Estados Unidos.

A revista TIME é a revista de maior circulação mundial e considerada referência em termos de notícia. Fundada em 1923 na cidade de Nova York, a TIME foi um dos veículos de notícias mais ativos durante a independência do Congo e os eventos que se seguiram. A revista apresentou uma posição crítica, com humor ácido e desconfiança política quanto a Patrice Lumumba, acusando-o de conspirador comunista e apresentando-o como um hipócrita moral, um presidente de um país pobre que prezava justiça social, contanto que seja vivida no luxo.

19.2) Le Soir

País de origem: Bélgica

Fundado em 1887, o Le Soir se identifica como um jornal progressista e independente, com um forte debate às políticas feitas pelo governo Belga. Durante a crise do Congo, o jornal, por apresentar uma posição forte de debate em cima de todas as ações que o governo tomava, se tornou importante pelo questionamento sobre os prós e os contras da independência e colonização do Congo, apresentando a todo momento uma opinião imparcial.

Sugestões de estudo

Filmes:

Jatdoville- Netflix

Lumumba (2000), direção de Raoul Peck

Mobutu: Le Roi du Zaire (1999), Thierry Michel

Bibliografia

Obs: Este guia é uma adaptação do guia da Crise do Congo de 2015

[https://www.infopedia.pt/\\$crise-do-congo](https://www.infopedia.pt/$crise-do-congo)

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/a-independencia-congo-belga.htm>

<http://descolonizafrica.blogspot.com.br/2007/10/congo-belga.html>

https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=394:o-rei-leopoldo-ii-da-belgica-e-o-holocausto-negro-no-congo&catid=2:artigos

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/partilha-da-africa>

<http://civilizacoesafricanas.blogspot.com.br/2010/01/reino-do-congo.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_Africana

<https://14minionuoua1981.wordpress.com/2013/05/15/conferencia-de-berlim-1884-1885/>

<https://pt.scribd.com/document/189717519/Guerras-e-Conflitos-No-Congo-4-Semestre>

<http://congoescandalogeologico.blogspot.com.br/2015/04/historia.html>

<https://history.state.gov/milestones/1961-1968/congo-decolonization>

www.un.org

www.theguardian.com

Chief of Station, Larry Drevlin

www.time.com

Imagens-fontes

- 1) <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com.br/2010/01/reino-do-congo.html>
 - 2) <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com.br/2010/01/reino-do-congo.html>
 - 3) https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_Africana
 - 4) <http://pegadashistoricas.blogspot.com.br/2011/05/africa-conferencia-de-berlim.html>
 - 5) https://pt.wikipedia.org/wiki/Leopoldo_II_da_B%C3%A9lgica
 - 6) https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=394:o-rei-leopoldo-ii-da-belgica-e-o-holocausto-negro-no-congo&catid=2:artigos
 - 7) <http://averdadefinal.blogspot.com.br/2016/04/o-rei-leopoldo-ii-da-belgica-e-o.html>
 - 8) https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amputated_Congolese_youth.jpg
 - 9) http://www.momentosdehistoria.com/MH_07_08_08_Internacional.htm
 - 10) <https://history.libraries.wsu.edu/fall2014/2014/08/28/congo-crisis-1960-1965/>
 - 11) https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrice_Lumumba
 - 12) <https://www.esquerda.net/artigo/memorias-patrice-lumumba/52859>
 - 13) <http://herdeirodeaecio.blogspot.com.br/2010/03/>
 - 14) <http://mediastore4.magnumphotos.com/CoreXDoc/MAG/Media/TR1/3/d/e/7/PAR160397.jpg>
 - 15) <http://recriweb.blogspot.com.br/2015/06/30-juin-1960-independance-du-congo.html>
 - 16) <https://i.pinimg.com/736x/7b/a9/6f/7ba96f0dc974c7a3d02b5192a897ed68--congo-crisis-belgian-congo.jpg>
 - 17) https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_do_Congo
 - 18) https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/77/CongoCrisis_Map.svg/250px-CongoCrisis_Map.svg.png
 - 19) https://en.wikipedia.org/wiki/Dag_Hammarskj%C3%B6ld
- Capa: <http://www.museudeimagens.com.br/pai-olha-para-filha-congo-1904/>